

KELLEY ARMSTRONG

# O CARA ERRADO



Ela escreveu o herói  
inspirada no garoto que  
partiu seu coração...  
mas ele nunca devia  
saber disso...

**KELLEY ARMSTRONG**

TRADUÇÃO SANDRA MARTHA DOLINSKY

# **O CARA ERRADO**



**FARO  
EDITORIAL**

## CAPÍTULO 1

---

# Gemma

Gemma Stanton olhou para seu primeiro livro recém-lançado e disse a si mesma, pela centésima vez, que o lorde de kilt das Terras Altas da capa não era parecido com Mason Moretti e que absolutamente ninguém perceberia que ela havia usado o jogador profissional de hóquei como inspiração. Ela tinha certeza de que muitos astros do esporte haviam servido de inspiração para heróis românticos, mas, no caso dela, não era uma homenagem.

Maldito Mason Moretti.

Ela sacudiu a cabeça, deixou o livro no colo e olhou ao redor. Em um canto da salinha verde, havia uma TV sintonizada no *Vancouver This Morning*. A alegre imagem que compunha o título mostrava um horizonte com um oceano ridiculamente azul e um sol ofuscante que faziam lembrar que novembro não duraria para sempre.

A entrevista de Gemma abriria o programa, o que não era nada estressante...

Ela respirou fundo várias vezes. Daria tudo certo. Tudo certo.

Se ao menos ela parasse de se preocupar com o vestido... Deveria ter posto jeans e um suéter. Era o que ela havia escolhido, combinava com suas botas novas e tinha ficado ótimo, droga! Ela ficara em dúvida e escolhera um vestido. Agora, estava preocupada, com receio de estar reforçando um estereótipo: a escritora de romances com vestido florido e salto alto.

Ela odiava sua versão ansiosa. Havia escrito um romance? Pois que encarasse as consequências. O livro tinha cenas de sexo? Sem dúvida. Se corria o

risco de ser rotulada como uma divorciada de meia-idade solitária que despejava suas fantasias mais tórridas em um livro, não dava a mínima. Qualquer pessoa que houvesse passado uma década casada com um campeão das rapidinhas tinha direito a ter um grande estoque de fantasias eróticas não realizadas.

— Gemma?

Ela instintivamente ficou tensa quando uma mulher entrou na sala. Ashley Porter, líder de torcida e garota malvada...

*Não*, Gemma se corrigiu mentalmente. Isso havia sido no ensino médio. Ashley agora era a apresentadora do programa matinal mais polêmico de Vancouver, onde era um amor de pessoa. Quando a assessora de imprensa de Gemma lhe perguntara sobre contatos na mídia local, Gemma não ousara incluir Ashley na lista. Mas a própria Ashley entrara em contato e oferecera o horário nobre do programa matinal no dia do lançamento do livro de Gemma.

Ashley entrou toda despreocupada, de jeans e um suéter de cashmere que poderia ser irmão do que Gemma quase vestira. O cabelo preto de Ashley brilhava sob as luzes, e seu bronzeado sugeria uma viagem recente ao litoral. O suéter safira combinava perfeitamente com seus olhos, e as botas deviam ter custado o triplo do que Gemma pagara nas suas numa liquidação. Além disso, o corpo de Gemma não enchia o suéter daquele jeito. Nem o jeans.

Sim, escolher o vestido fora uma ótima decisão.

Ashley abraçou Gemma e o doce aroma de maçã e nenúfar a inebriou, deixando-a tão tensa que praticamente sofreu um espasmo.

O mesmo perfume que Ashley usava no ensino médio. O mesmo perfume que usara no último dia de aula, quando encurralara Gemma e sussurrara bem perto dela:

— Achava mesmo que Mason olharia duas vezes para você, Gemma? Mason Moretti?

A Gemma do presente apertou os dentes e admitiu que também não havia sido exatamente uma florzinha naquela idade. Só dentes e atitude, como havia dito um garoto quando ela brigara com ele por passar a mão em sua bunda.

Ashley a libertou daquela nociva nuvem de perfume.

— Estou muito feliz por você, Gem. Lembro que você escrevia muito bem. Eu sempre soube que um dia veria seu nome na capa de um livro.

Gemma ficou tensa de novo, já preparada para algum comentário sarcástico, fulminante e vívido. Vinte anos atrás, estaria pronta para responder à

altura, mas ela não era mais aquela garota confiante e esperta que estava tentando desesperadamente reencontrar.

— Admito que não pude acreditar que você havia escrito um livro romântico — prosseguiu Ashley —, mas estou muito feliz por ter vindo. Eu adoro ficção histórica, e lorde Argyle é... — Ashley fingiu que ia desmaiar, com a mão na testa.

Ora, aparentemente, o grupo de escrita dela estava certo. Os leitores realmente gostavam de protagonistas românticos idiotas.

O primeiro livro que Gemma escrevera apresentava o tipo de homem de que ela gostava: doce e atencioso. Como isso não vendia, seu grupo de escrita a convenceram a oferecer o que aparentemente o mercado queria: um herói alfa. Um babaca egocêntrico, egoísta, imprudente, cujo melhor argumento eram os punhos. Assim, ela mergulhara no passado e encontrara o homem perfeito para o papel.

Mason Moretti era o menino de ouro da escola. O tipo de atleta que aparece uma vez a cada século. Ele se tornara *enforcer*<sup>1</sup> do Vancouver Growlers, claro. Para ser um *enforcer*, era preciso ser um babaca, e Mason era o melhor desse tipo. Ou o pior, dependendo do ponto de vista.

O pior. Mason Moretti era definitivamente o pior.

## Mason

Mason Moretti não precisava que ninguém o levasse até a sala verde do estúdio de TV. Ashley o convencia a ir ao programa sempre que podia, e seu maldito assessor de imprensa não o deixava dizer não. Mas dessa vez era diferente. Ele sorriu para si mesmo enquanto estendia a mão para abrir a porta da sala verde.

— Ops! — Ashley apareceu do nada e fechou a porta. — Gemma está aí dentro. Vamos lá para baixo.

Ashley o conduziu pelo corredor tagarelando sem parar. Mason jamais diria que gostava dela como pessoa, mas ela era útil; Ashley sabia disso e usava aquilo a seu favor. Ele não poderia culpá-la, porque também a usava. Não

---

1 Um “enforcer” (executador) é um jogador em esportes como o hóquei no gelo que tem a função de intimidar os adversários e responder a jogadas violentas ou sujas com agressividade.

*daquele jeito*, isso nunca. Ashley deixava claro desde o ensino médio que isso era uma possibilidade, mas ninguém cresce sob os holofotes sem ser capaz de sentir o cheiro de uma armadilha a cem passos de distância.

Falando em armadilhas, aquela entrevista lhe parecia meio... inquietante. Suspeita. Ashley havia dito que Gemma sabia que ele estaria ali, mas e se...

— Como está Gemma? — perguntou ele. — Ela está...

— Ela está bem. Muito bem. — Ashley o conduziu até a sala de maquiagem. — Fique aqui, a maquiadora já vai chegar.

Quando Ashley saiu, Mason observou a sala, que continha três cadeiras giratórias tipo salão de beleza e espelhos enormes. Acomodou-se na cadeira do meio e se livrou do desconforto como se fosse uma camisa apertada. Preocupar-se não lhe caía bem. Naquele caso, só o fazia se lembrar de todos aqueles anos que passara se preocupando com o fato de Gemma Stanton o odiar.

Mas ela obviamente não o odiava, pois havia escrito um romance usando-o como herói. Se Gemma o odiasse, não teria hesitado em dizer-lhe isso com todas as suas forças.

Gemma Stanton...

Com os pés apoiados na cadeira ao lado, Mason se lembrou da primeira vez que falara com Gemma. Na pré-escola, no vestiário. Era outubro, o lugar transbordava de decorações de Halloween. Ele chegara atrasado, havia tido uma aula de manhã e estava pendurando os patins quando Gemma entrara.

Ela olhara os patins.

— Você anda de patins?

Sob o olhar firme dela, ele não conseguira conter o orgulho. Sabia quem ela era, aquela fadinha cheia de sardas, olhos da cor de grama fresca e cabelos que lhe faziam lembrar um campo de trigo no outono.

— Eu jogo hóquei — dissera ele.

— Você é bom?

— Sou o melhor.

Ela revirara aqueles olhos verdes e pegara alguma coisa no armário. Já estava indo embora, enquanto ele se esforçava para dizer alguma coisa, quando ela se voltara, pousara os olhos nos tênis dele e dissera em voz baixa:

— A senhorita Wang está doente. Veio outra professora; ela colocou Jay sentado no canto porque brincou na terra.

— Ok.

Ele se abaixara para se calçar e erguera os olhos para agradecer a Gemma, mas ela já havia ido embora e o deixado ali, desejando não ter ficado tão nervoso a ponto de se esquecer de agradecer.

Gemma sempre fora legal com Mason, mesmo quando ele não merecia.

Ele espantou aqueles pensamentos. O importante era que ela não o odiava. Ninguém escreve um romance sobre um sujeito que odeia, não é?

— Mason Moretti — disse uma voz à porta.

Ele viu uma jovem com uma maleta de maquiagem. Quase trinta anos, cabelo estilo chanel preto e pele branca. Ela sempre o maquiava, o que significava que ele deveria saber o nome dela, mas era péssimo nisso. Nomes demais, justificava para si mesmo. Pessoas demais que entravam e saíam de sua vida; não podiam esperar que ele se lembrasse de todas. Mas esperavam, e quando ele esquecia, sentia um mal-estar e seu cérebro gritava que precisava consertar aquilo *imediatamente*.

Mason tinha o nome da maquiadora nas informações de contato de Ashley, para poder refrescar a memória. Era um dos seus vários truques para lidar com uma vida na qual tinha contatos breves com inúmeras pessoas. Mas estava tão concentrado no fato de que ia rever Gemma que se esquecera de olhar suas anotações.

Olhou para a jovem. Como ele não disse nada, ela começou a tirar seus potinhos, depositando cada um sobre a mesa com certa força.

Ele tentou disfarçar com um sorriso largo. Podia não ser o jogador mais talentoso do time, mas tinha todos os dentes, o que era um milagre, em vista das circunstâncias.

— Você não se lembra de mim, não é? — disse a mulher, estreitando os olhos.

— Claro que lembro. A melhor maquiadora de Vancouver. — Ele sorriu de novo.

— Se não se lembra do meu nome, admita.

— Eu...

— É Nádia — disse ela. — Não que isso importe para você.

Mason sentiu um aperto no estômago. Ele se lembrava dela, só havia esquecido temporariamente seu nome. Mas era tarde demais para consertar. Sempre era tarde demais.

*Melhore.*

Estavam terminando quando alguém bateu na porta.

— Dois minutos — gritou um homem.

Nádia observou Mason com as mãos na cintura.

— Não dá para fazer milagres nesse rosto. Quantas vezes você já levou um soco na cara?

— Isso me dá personalidade.

Ela suspirou. Profundamente.

— É verdade. Levante-se, vamos.

Nádia o conduziu até o corredor, onde uma mulher o esperava com uma foto e uma caneta. Mason estendeu a mão automaticamente para pegá-la, lembrando-se só no último momento de confirmar se a foto era sua.

— Minha filha é sua fã — disse a mulher, efusiva. — Ela também joga hóquei.

— Que legal. — Ele autografou a foto enquanto caminhava, com a mulher correndo ao seu lado. — Talvez ela seja a primeira mulher da NHL<sup>2</sup>.

Ele sempre dizia isso. Falava sério, mas suas palavras pareciam vazias; eram repetidas com frequência demais para ter algum significado.

— Ei, Moretti — chamou uma voz.

Ainda caminhando, Mason se voltou e acenou automaticamente.

— Ouvi dizer que Denny ainda está no hospital — disse um sujeito de meia-idade, com uma expressão que Mason andava vendo muito nos últimos tempos. — Tem algo a dizer sobre isso?

Mason deu de ombros.

— Hóquei é um jogo duro.

Ele odiava essas palavras, mas era o que lhe haviam dito para dizer. *Não peça desculpas. Não fique nervoso.* Não fora Mason quem fizera o jovem pivô dos Growlers ir parar no hospital. Não era culpa dele o garoto ter se machucado.

Não era culpa dele... só que sua função era proteger os companheiros de equipe. E ele havia visto o sujeito chegando por trás de Denny e...

*E o quê, Mason? O que aconteceu lá?*

Ele afastou esse pensamento enquanto uns funcionários retiravam o homem dali. Conversariam com ele mais tarde. Aquele deveria ser um lugar seguro para Mason, onde ninguém mencionasse o incidente com Denny. Onde ninguém perguntasse o que havia acontecido.

Que bom, porque Mason não tinha a mínima ideia do que havia acontecido. Ele só sabia que não havia feito seu trabalho e um jogador jovem e brilhante fora parar no hospital. Todos estavam furiosos, e ele não os culpava.

Não, não os culpava de forma alguma.

---

2 National Hockey League é uma organização profissional esportiva composta por times de hóquei no gelo dos Estados Unidos e do Canadá.



## CAPÍTULO 2

---

# Gemma

O cenário tinha um sofá e uma poltrona à esquerda e um balcão de café da manhã à direita. Quando Ashley conduziu Gemma para o local, a autora olhou para o sofá desejando sentar-se ali, mas foi direcionada para um dos bancos ridiculamente altos do balcão. Enquanto esperava o programa começar sentada no banco, notava que suas pernas balançavam como as de uma criança. Tentou cruzá-las, mas sua saia subiu.

*Não se exponha para a plateia, Gem.*

Talvez vendesse mais livros...

*Mmm, não, aquele não era seu público-alvo.*

Tinha que focar em seu público: mulheres como ela, leitoras que liam romances desde sempre. O que a convenceria a ler *Um romance nas Terras Altas*?

O gostosão de kilt.

Não, além do gostosão. Ela olhou para a capa que enchia a tela do chão ao teto. Quando estava preenchendo o formulário da editora, achara que sua descrição de lorde Argyle era bastante vaga. Cabelo escuro e ondulado, rosto quadrado, testa larga, queixo forte, aparência rude de quem sabe se virar em uma briga de bar. Um rosto comum, mas com um corpo que fazia os olhares nunca subirem para além do pescoço. Ombros largos, bíceps salientes, peitorais e abdome perfeitamente definidos. Tudo isso... de kilt.

Ela não havia especificado a cor dos olhos, muito menos mencionado a barba escura por fazer e um nariz várias vezes quebrado. Talvez a parte do

nariz fosse óbvia para o designer da capa. Afinal, era um clichê romântico: brutamontes atraentes sempre tinham nariz torto.

O designer captara tudo e... Gemma olhou para a capa de novo. Droga, parecia mesmo Mason Moretti.

A única razão de Gemma achar isso era porque sabia quem havia sido sua inspiração. Ninguém mais notaria qualquer semelhança entre um lorde das Terras Altas da Escócia e um jogador de hóquei canadense.

O cinegrafista fez a contagem regressiva enquanto Ashley se sentava no banco ao lado. Não só seus pés tocavam o chão, como sua calça jeans lhe permitia cruzar as pernas.

Gemma se concentrou em manter os joelhos fechados e rezou para não se deixar levar pelo nervosismo e começar a balançar os pés. Se bem que isso poderia lhe render pena. Ela mesma compraria um livro de qualquer autor que fizesse papel de bobo na televisão ao vivo.

Ela deveria ter perguntado à sua assessora de imprensa sobre isso. Em termos de estratégias de marketing, quantas vendas conseguiria fechar caso se comportasse como idiota?

— Feliz terça-feira! — disse Ashley, melódica, para as câmeras. — Temos uma surpresa para vocês hoje. Preparem-se para uma manhã cheia de coisas boas. Mais tarde, apresentarei a vocês um homem que adentra macacos-prego para serem guias de cegos. Macacos! São as coisas mais fofas do mundo! Eu prometi compartilhar aquela receita de pipoca caramelizada *light* sem açúcar, lembram? Mas, antes, o romance de estreia da escritora Gemma Stanton foi lançado hoje.

Ashley apontou teatralmente e Gemma se endireitou, pronta para cumprimentá-la, quando percebeu que a apresentadora estava apontando para a tela. A produção havia retirado a capa do livro durante a introdução e, de canto de olho, Gemma a viu retornar. E quando isso aconteceu, todos caíram na gargalhada.

Gemma ficou petrificada.

Capas de romances sempre foram motivo de chacota, mas a dela não era uma daquelas capas clássicas para despertar a curiosidade, com a heroína praticamente trepando na perna do herói. Verdade que lorde Argyle aparentemente perdera a camisa na batalha, mas essas coisas aconteciam.

— Acho que não é essa a capa certa — disse Ashley, meio cantarolando.  
— Parece que o departamento de arte fez uma leve reconstrução facial.

Ai, merda. Gemma olhou para a tela e viu o rosto de Mason Moretti no lugar do modelo da capa. E só para deixar claro quem era Mason, haviam substituído a espada de lorde Argyle por um taco de hóquei.

— Mmm — disse Ashley, pensativa, com um dedo sobre os lábios. — Vamos ver a capa de verdade.

As duas versões apareceram lado a lado.

— A semelhança é *impressionante* — disse Ashley. — Agora, preciso contar que Gemma e eu estudamos no mesmo colégio com um certo jogador de hóquei...

O sangue desapareceu do rosto de Gemma e a temperatura do estúdio parecia ter despencado.

*Entre no jogo. Tenha senso de humor.*

Gemma forçou uma risada.

— É, acho que se parece um pouco com Mason mesmo. Eu adoraria levar o crédito por ter dado publicidade ao nosso velho colega, mas os autores não criam as capas de seus livros nem escolhem os modelos.

— Mas eles escrevem o livro, e Mason parece muito com o personagem que você descreve.

Ashley pegou o livro e começou a ler, mas Gemma mal conseguia ouvir suas palavras. Ela havia sido enganada.

Estava mesmo chocada? No colégio, Ashley e Gemma sempre disputaram, eram a líder de torcida toda educada e a oradora da turma de língua afiada. Agora, Ashley estava debochando de Gemma ao vivo na TV. Que surpresa.

Mas elas não eram mais adolescentes. Gemma não via Ashley havia mais de uma década, por que ela faria uma coisa dessas?

Porque podia. Porque algumas garotas nunca saem do ensino médio.

Ashley fechou o livro e apontou para Gemma.

— Parece que alguém estava apaixonada.

Gemma abriu a boca para rir, para dizer alguma coisa, qualquer coisa, para salvar a situação...

— Ora! — Ashley pulou graciosamente do banco. — Vejam quem acabou de entrar no estúdio.

Ashley abriu os braços e Gemma se voltou devagar ao ouvir a voz grave de um locutor de hóquei apresentando aquele jogador conhecido.

— E aqui está ele, pessoal, o único, a arma não tão secreta dos Growlers. Aplausos para... o Taco!



Gemma esperou pacientemente que o pesadelo acabasse. Tudo bem, estava tudo bem. Era um pesadelo, só isso. Um pesadelo para o qual Ashley convidara o próprio Mason Moretti e o fizera se sentar com Gemma naquele sofá pequeno e aconchegante, com o braço dele em volta dos ombros dela e aquele sorriso no rosto.

Gemma odiava aquele sorriso. Sempre odiara. Já dissera isso a ele, inclusive, quando a professora de inglês dissera que ele conseguiria a nota necessária para passar se fosse voluntário no jornal da escola, onde a editora escreveria as matérias no nome dele. Só que a editora era Gemma, que sem dúvida nenhuma não escreveria as matérias para Mason. Ele aparecera na redação do jornal uma hora antes de ter que entregar a primeira matéria dizendo que seu computador estava com problema e dando aquele sorriso ridículo para Gemma.

— Isso costuma funcionar? — perguntara ela.

— O que costuma funcionar?

— Esse sorriso.

— Que sorriso? — dissera ele, ainda mantendo aquele sorriso enquanto falava.

Ela suspirara.

— Esse não é seu sorriso verdadeiro, Mason.

— Não sei do que você está falando — dissera ele, ainda sorrindo.

— Eu o conheço desde a pré-escola, Moretti, esse é o sorriso que você usa para conseguir o que quer, e o que você quer é que eu escreva sua matéria. Só que eu não vou escrever. Eu sei que você está indo mal em inglês, sei que você é disléxico, também sei que isso significa apenas que precisa de algumas adaptações, e que estou disposta a lhe ajudar. O problema não é sua dislexia; é que ninguém o obriga a fazer nada porque você é um astro.

Então, ela se debruçara sobre a mesa e concluíra:

— Você é capaz de escrever essa matéria, por isso, vai entregá-la amanhã de manhã, entendeu?

Ali no estúdio, durante a entrevista, Mason mantinha aquele sorriso firme. E o braço em volta dos ombros dela. Bem, não exatamente em volta deles; seu braço estava apoiado no encosto do sofá, mal encostando as pontas dos dedos nela, mas o espectador acharia que a estava abraçando. Aparentemente,

ele não havia esquecido que corria o risco de perder um dedo se encostasse nela sem permissão.

Aquilo não era um pesadelo, não é?

Na verdade, era Mason Moretti sentado ao lado dela com seu sorriso irônico, certo de que Gemma baseara seu protagonista romântico nele porque ele era um cara incrível e ela nunca o esquecerá. O beijo que trocaram obviamente havia ficado gravado em sua mente. Quanto à total humilhação que se seguira, bem... aquilo eram águas passadas. Não impedira a pequena Gemma Stanton de secretamente suspirar por ele, escrever cenas obscenas sobre os dois...

Meu Deus, Gemma ia vomitar.

Era o que ele devia estar pensando, não? Era o que todo mundo devia estar pensando. Que ela havia publicado uma fantasia sexual com seu *crush* do colégio, o astro do hóquei. Não importava que sua heroína não tivesse nenhuma semelhança com Gemma, em aparência ou personalidade, e fosse uma personagem fictícia criada porque combinava com alguém como Moretti, uma garota de olhos brilhantes e sorrisos afetados que aceitava as merdas dele e se achava especial porque ele havia parado de direcionar suas grosserias para ela.

— O que acha, Mason? — perguntou Ashley, indicando a tela. — Você está na capa de um livro.

Ele deu uma risada profunda que Gemma sabia que também era falsa.

— Estou lisonjeado. Dá vontade de sair correndo e comprar um kilt.

Risadinha irônica de Ashley, que prosseguiu:

— E você também é o herói romântico do livro.

— Ouvi dizer...

Ashley levou a mão à boca, arregalando os olhos, só para assegurar que ninguém deixasse passar despercebido o lapso da escritora.

Ashley deu um tapinha no braço de Mason.

— Você é tão malvado!

Gemma tinha mesmo certeza de que não estava presa em um pesadelo de verdade com Ashley flertando com Mason na TV ao vivo?

— Mas, falando sério, Mason — disse Ashley —, Gemma baseou o herói do livro dela em você. O que acha disso?

— Muito legal, claro! — Ele lançou aquele sorriso bobo na direção de Gemma. — É realmente lisonjeiro.

— Sim, e Gemma não é uma escritora qualquer que se inspirou em você para criar seu herói. Nós três nos conhecemos no ensino médio... parece que *alguém* tinha uma paixão secreta por você.

Gemma enrijeceu. Ela tinha plena consciência de como estava naquele momento, paralisada sob as luzes do estúdio, incapaz de fugir da locomotiva que se aproximava.

— Falando em ensino médio — disse Mason —, Gemma sempre escreveu muito bem. Era editora do jornal da escola.

— Mas obviamente ela tinha uma paixonite... — insistiu Ashley.

— E você fazia os anúncios em vídeo, não é? — disse ele a Ashley. — Parece que todos nós chegamos aonde queríamos chegar: eu no hóquei, você na TV, Gem como escritora. Muito legal. Quando começou a escrever? — perguntou, dirigindo-se a Gemma.

Seu cérebro girava, procurando freneticamente a armadilha nas palavras dele. Devia haver uma armadilha. Mas não. Mason era um babaca, mas não era Ashley. Ele nunca fora cruel ou maldoso. Não precisava disso.

Gemma percebeu o que ele estava fazendo: jogando um salva-vidas para ela, agindo como um sujeito decente. Quando ele queria, sabia ser decente. O problema era que, quando a pessoa começava a acreditar que ele era um sujeito decente e baixava a guarda, Mason mostrava quem realmente era, o que sempre fora.

Não uma serpente, e sim o rei da selva, senhor de tudo que seus olhos tocavam. Um rei podia ser magnânimo de vez em quando.

Ela abriu seu próprio sorriso falso.

— Parei de escrever depois da faculdade, mas voltei há alguns anos e me lembrei do quanto adorava.

Ashley abriu a boca, mas Mason prosseguiu:

— Está recuperando o tempo perdido, então? — perguntou.

— É. Estou trabalhando no segundo livro, que será lançado no ano que vem.

Ele perguntou do que se tratava, ela relaxou e respondeu, brincando, que era segredo. Continuaram assim, Mason assumindo a entrevista e Gemma, grata, deixando que ele liderasse.

## CAPÍTULO 3

### Mason

Mason não estava à espreita armando uma emboscada para Gemma. Mas parecia, visto que ele estava em frente ao prédio, escondido atrás de uma pilastra, esperando ouvir o clique dos saltos dela...

— Estou vendo você, Mason.

Ele olhou disfarçadamente. Ela sacudiu a cabeça.

— Se está tentando se esconder, precisa de um pilar maior.

— Eu estava só tomando um pouco de ar.

Nossa, ela estava linda. Ele não sabia o que esperar, se ainda a reconheceria... mas que bobagem; não importava quanto ela houvesse mudado, ele a reconheceria em um instante. E reconheceria.

No estúdio, ele dera uma olhada e vira aquela Gemma que revirara os olhos para ele no vestiário da pré-escola, aquela que lhe dissera que não escreveria a matéria dele para o jornal da escola, aquela que ele beijara pouco antes da formatura.

Sim, Gemma estava mais velha agora; os dois estavam, mas ela estava muito melhor do que ele: olhos como grama de verão, cabelos como trigo de outono, dentes que poderiam quase quebrá-lo ao meio e uma língua afiada para fechar o pacote.

Bom, a última parte não era tão poética, mas ele se lembrava de como se sentia quando ela lhe lançava um olhar que dizia que o enxergava profundamente e não acreditava em suas enrolações.

Ele costumava lembrar como era e achava excitante. Talvez meio “aluno e professora”. Mas, ao vê-la de novo, lembrou-se de que gostava da atitude dela muito antes de ter idade suficiente para ver as coisas desse jeito.

Ele gostava de ela o desmascarar, porque isso significava que não precisava mentir perto dela. Gemma olhava para ele e seus olhos diziam: *Você não me engana*. O que ela via não era um garoto a caminho do estrelato; era apenas um garoto com uma garota. Uma garota com quem ele queria estar. Uma garota que às vezes parecia querer estar com ele também — estar com *ele*, não com “o Taco”.

Espantou esses pensamentos. Estava ficando sentimental. Havia muita coisa acontecendo em sua vida, perturbando a tranquilidade que ele tanto lutava para manter. Rever Gemma havia sido bom. Muito mesmo. E ver que ela não guardava mágoa era incrível. Mas era só isso. Não precisava ficar analisando as coisas e ficar todo sentimental, como se houvesse perdido algo anos atrás. Eles ficaram próximos brevemente, não deram certo, seguiram em frente, ele investira em sua carreira e...

Sua carreira. De que mais precisava? Uma carreira incrível, bons amigos, mulheres quando quisesse. A vida estava meio instável naquele momento, mas, no geral, era tudo que uma pessoa poderia desejar. Ou não?

Mason afastou esses pensamentos e se concentrou na mulher à sua frente. Ele havia entrado na NHL e Gemma havia seguido a carreira de escritora. O que ela estava fazendo da vida? De repente, ele se sentiu desesperado para saber sobre isso.

— Lamento por tudo aquilo — disse ela. — Ashley claramente achou hilário. Você não deveria ter sido envolvido nessa história.

— Não existe publicidade negativa, e ser a inspiração para um herói romântico definitivamente não é publicidade negativa. Estou realmente lisonjeado. Mal posso esperar para ler o livro.

Ela hesitou.

— Não precisa ler.

— Não, sério, eu quero ler.

Querida mesmo. Só precisava esperar sair o audiolivro, que era como ele lia; nunca havia se acostumado a ler as palavras no papel.

Uma expressão de quase pânico passou pelo rosto dela.

— Sério, Mason. Não leia, ok?

Ele sorriu. Gemma Stanton estava nervosa com a possibilidade de alguém ler sua obra? Isso era novidade. Ou acaso estava nervosa com a possibilidade de ele ler um livro no qual ambos formavam o casal protagonista?



— Precisamos pôr o papo em dia — disse ele. — Vamos tomar um café.

— Obrigada, mas estou com um prazo apertado — disse ela, negando com a cabeça.

— Mais um motivo, você deve estar precisando de um café. Ou um *brunch*. Há um lugarzinho ali na esquina.

— Não posso mesmo.

— Fica literalmente na esquina, dá para ver daqui. — Ele sorriu ainda mais. — Estou convidando.

— Foi legal vê-lo de novo, Mason, e agradeço por você ter se comportado decentemente naquela confusão toda. — Ela o fitou. — De verdade, obrigada.

Uma gota de suor escorreu pela têmpora de Mason, apesar do frio do outono. Estava fazendo algo errado. O quê, exatamente? Precisava descobrir as expectativas dela e mudar de tática.

— Não gosta de café? Há uma casa de chá aqui perto...

— Preciso mesmo ir, Mason. Mais uma vez, foi bom ver você, mas o prazo do segundo livro está apertado, já estou atrasada.

Ah, era isso. Gemma sempre fora muito responsável e o prazo a estava deixando estressada.

— Então me dê seu número — disse ele. — Ligo mais tarde e podemos comemorar depois que você terminar o livro. Vamos jantar, pôr o papo em dia.

— Não precisa, Mason. — Gemma deu uma apertadinha no braço dele. — Mais uma vez, obrigada. Foi bom ver você, fico feliz de ver que chegou aonde queria.

Ele sorriu.

— Você tinha alguma dúvida disso?

Depois de um leve revirar de olhos — a velha Gemma surgindo —, ela deu meia-volta e foi embora. Só quando ela desapareceu Mason se deu conta de que deveria ter dito: *Fico feliz de ver que você também chegou aonde queria, Gem.*



Mason patinou para trás o mais rápido possível e executou uma parada perfeita, sentindo uma grande satisfação diante da chuva de gelo raspado. Nunca se cansava disso.

Tinha a maior parte do rink só para si: seu prazer semanal. Não estava lá para treinar, só para patinar, como fazia quando criança. Mal tinha idade

para amarrar os patins quando já saía escondido de casa de madrugada para patinar sozinho no lago atrás do prédio.

Aos 36 anos, Mason havia chegado a sênior na NHL. Para um *enforcer*, ele era um dinossauro. *Enforcer* não era sua posição formal, claro. Depois do bloqueio trabalhista em 2004, que resultara no cancelamento da temporada, as regras mudaram, priorizando a velocidade e a pontuação, e não havia mais tanto espaço para jogadores cujo papel principal era brigar. Além disso, o jogo havia mudado — para melhor, achava Mason; tinha menos jogadas sujas. Mason gostava de uma boa briga, mas sempre fora extremamente cuidadoso com sua saúde e segurança; tinha medo de acabar como os *enforcers* da velha guarda, com encefalopatia traumática crônica por causa de muitas pancadas na cabeça.

Mason não se importava de passar um tempo no box de penalidades se fosse para ajudar seu time. Nem se importava de ser xingado pela torcida adversária. Já se esperava que fosse um filho da puta, essa era a descrição do seu trabalho. Um filho da puta profissional que faria tudo para proteger seu time e ajudar seus jogadores a marcarem gol. Isso significava que ele era um dos jogadores com menos pontos dos Growlers, mas tinha uma parede cheia de prêmios de jogador mais valioso para compensar, e quando chegava a hora de falar com a torcida, tinha a fila mais longa para fotos e autógrafos.

Mas isso era antes. No último mês, ele andava faltando a esses encontros, por insistência do treinador. Ninguém no time culpava Mason pelo ocorrido; nem mesmo Denny.

Só que...

— Talvez você devesse falar com a doutora Colbourne sobre isso, Taco — dissera o treinador.

Isso havia sido três semanas antes. Como ele ignorara a indireta, o treinador passara a ser direto: Mason tinha duas mensagens de voz da psicóloga.

Duas mensagens não respondidas, o que não era comum para ele. Mason podia ser um filho da puta no gelo, mas, na vida real, não ignorava as ligações de quem só estava tentando ajudá-lo. Seria muita grosseria.

Mas era exatamente isso que ele estava fazendo.

Mason afastou esses pensamentos e saiu patinando mais rápido. Ele não se importava de falar com a psicóloga da equipe, mas não precisava dela dessa vez. Superaria tudo sozinho, diria isso a ela. Logo. Quando se lembrasse de retornar a ligação fora do horário comercial para que ela não atendesse e ele pudesse apenas deixar um recado.

As pessoas achavam que Mason havia intencionalmente deixado de proteger Denny por inveja daquele jogador jovem e popular; mas a dra. Colbourne sabia que isso não era típico de Mason, em absoluto.

Ninguém aceita ser *enforcer* se não souber jogar em equipe. Mason gostava de Denny; a última coisa que queria era que o garoto ficasse entrando e saindo da lista de lesionados até ter que largar o hóquei. Isso acontecia com muita frequência com os astros em ascensão e Mason não queria que acontecesse com um bom garoto — e um bom jogador — como Denny.

O que havia saído errado aquela noite, então?

Mason vira o que ia acontecer, ia interceder e... ficara paralisado. Ainda não sabia por quê.

Patinando forte, sentiu uma dor no joelho direito. Olhou para baixo como se pudesse envergonhá-lo e subjuguá-lo. Depois de trinta anos de hóquei, era de se esperar uma lesão no joelho, mas era frustrante mesmo assim.

Um gritinho agudo chamou sua atenção para o canto esquerdo. Ele sempre dividia o gelo com um grupo de patinação artística que não tinha dinheiro para pagar o aluguel do rink. As crianças eram pequeninas, nenhuma passava de sua cintura, ficavam ziguezagueando, gritando e rindo. Ele gostava de ver meninos no grupo. Houve uma época em que queria fazer patinação artística. Hóquei era sua paixão, mas havia visto garotas girando e ziguezagueando na patinação artística e achava divertido. Quando pediu ao pai, ele quase teve um ataque cardíaco.

— Você quer fazer *o quê*? — perguntara o pai, com o mesmo olhar que lhe dera quando Mason dissera que queria fazer faculdade.

— Você quer fazer *o quê*?

— Fazer faculdade — dissera Mason. — Talvez cinesiologia, para quando me aposentar do hóquei.

— E como você vai entrar na faculdade? — perguntara o pai. — Quase não conseguiu passar no ensino médio.

— O recrutador disse que pode me fazer entrar. Com bolsa de estudos inclusive. Eu poderia tirar notas melhores, se me dedicasse mais...

Seu pai pousara as mãos nos ombros de Mason, embora tivesse que se esticar para alcançar.

— Não, não poderia. Eu já lhe disse antes e continuarei dizendo até que entre nessa sua cabeça-dura: Deus lhe deu um dom; um dom incrível. É nisso que você é bom. Foque no hóquei e não envergonhe a si mesmo tentando

fazer mais do que isso. — Seu pai sacudira a cabeça. — Faculdade?! Você mal sabe ler.

Mason começou a patinar mais rápido para banir essa lembrança. Executou uma série de *crossovers* perfeitos, e isso ajudou a melhorar seu humor.

*É, ainda sou bom nisso.*

Ele se posicionou para arrancar e disparou em alta velocidade pelo gelo, dando giros rápidos — seu movimento característico, para esfregar na cara de quem dizia que ele era grande demais para patinar com velocidade ou agilidade.

Um dos pequenos patinadores artísticos gritou:

— Balance esse taco!

Houve uma explosão de aplausos.

*Sim, definitivamente, ainda sou bom nisso.*

— Mason!

Alguém o chamou do seu lado do rink. Mason olhou e viu um funcionário gesticulando freneticamente.

— Seu celular está tocando! — gritou. — Você o deixou aqui!

— Sabe por que o deixei aí? Porque ele toca — disse Mason, aproximando-se.

O jovem corou e gaguejou:

— É que não para de tocar. Pode ser urgente.

Mason resmungou e estendeu a mão. O sujeito entregou o celular com cuidado, como se tivesse medo de sujar a tela.

*Se não quiser me irritar, deixe-me patinar em paz. É por isso que pago uma fortuna para alugar o rink inteiro. Porque o único som que quero ouvir é o daquelas crianças se divertindo.*

Ele atendeu ao celular de mau humor, enquanto o funcionário se afastava.

— Que é?

— É Terrance — disse o interlocutor.

— Eu sei, tenho um recurso bacana no celular: identificação de chamadas, já ouviu falar?

— Já entrou nas redes sociais hoje, Mason?

— Eu nunca entro nas redes sociais. Para isso tenho você.

— Você está mesmo de mau humor, hein? Bom, talvez isto ajude: você está nos *trending topics*.

— Nossa, é exatamente isso que eu queria ouvir. Estou nos *trending topics* de novo porque sou o maior babaca do mundo que deixou uma

criança se machucar e ser internada. E se você disser que não existe publicidade ruim, vou...

— Não tem nada a ver com o Denny.

Mason ficou imóvel.

— Que foi que eu fiz agora?

— Estão falando de sua participação no *This Morning*. As pessoas adoraram. Você e a escritora estavam incríveis. Aquela Ashley é uma vadia de primeira e você a driblou como um profissional. Melhor ainda, fez isso em defesa de uma dama.

— Ok, ok. Foi só porque não gostei de vê-la fazer aquilo com Gem.

— Gem? Então você a conhece.

— Conheci faz tempo. Ela é gente boa.

— A coisa só melhora. Você gosta dela?

Mason apertou o celular.

— Do que está falando?

— Você sairia com ela? Levaria a moça a um lugar onde houvesse alguns jornalistas especialmente selecionados para tirar fotos de vocês? As pessoas adoraram ver esse seu lado, Mason, e adoraram o fato de uma colega de classe basear seu herói romântico em você. Torcem para que isso seja o começo de algo a mais. É possível?

— Você quer que eu saia com Gemma só para me promover? Para melhorar a minha imagem à custa dela?

— Ela é uma escritora nova com um livro novo. Vai gostar da repercussão.

— Só se eu lhe contar a verdade; disser que é para publicidade.

Terrance pigarreou.

— Acho que isso não seria necessário.

— É, sim. Como eu disse, Gemma é gente boa, não vou fazer nada que possa magoá-la ou envergonhá-la. — *Já tinha feito isso uma vez.* — Eu a conheço, éramos amigos. — Isso era um pouco de *exagero*. — Vou explicar tudo a ela, ser direto. E Gemma decide se lhe interessa.

— Se você acha que assim é melhor...

— Acho. Só preciso do número dela. Consiga pra mim.

Mason desligou sem esperar resposta e sorriu para si mesmo. Parte do seu mau humor se devia ao fato de Gemma ter recusado o café. Ele não sabia como a convidar de novo sem que ficasse esquisito. Até agora...